

Memórias marcantes

Denmark Street, N^a 420, Inglaterra, 5 de novembro de 1913.

Caro amigo Christopher. Que saudade! Não sei se ainda recordas de mim ou se ainda moras neste mesmo endereço. Faz tanto tempo... Lembra-se do menino novato que você ajudou em seu primeiro dia de trabalho? Então... Era eu! Geórgiles é meu nome. Que alegria! Nem me lembro da última vez em que relaxei para escrever a alguém. Você sabe bem como era... Não tínhamos tempo nem para respirar e muito menos escrever uma carta para um velho amigo. É tanta emoção que nem sei por onde começar. Quanto tempo faz que nós não nos vemos? Dez... Quinze anos? Tantos anos trabalhando juntos e nunca tive a oportunidade de proclamar meus sentimentos ou contar minha história de vida a você. Então, agora, depois de muitos anos, desejo mudar isso...

Não me lembro de ter frequentado uma escola. Mas, recordo-me que comecei a trabalhar bem cedo, pois éramos compostos por 12 irmãos e não conseguíamos sobreviver apenas com o trabalho dos nossos pais. Morávamos em um cortiço as beiras de uma fábrica de couro. O local onde vivíamos era extremamente desagradável, pois a fumaça que saía das chaminés quase nos sufocava e, para piorar, meus irmãos tinham irritações frequentes por causa da inalação constante dela. Como eu era o mais velho dos irmãos, meu dever era cuidar da casa enquanto meus pais trabalhavam. E uma situação que me lembro até hoje, era quando o sinal de saída dos trabalhadores tocava... Quando o ouvíamos, era uma algazarra, todos ficavam felizes, eu e meus irmãos íamos para fora esperar meus pais, mas, nossa alegria terminava quando chegavam nossos vizinhos - pessoas ignorantes que nem se quer olhavam para nós. Meus pais chegavam em casa cansados, acabados... Nem conversavam conosco direito.

Minha mãe preparava a janta, meu pai ia ler o jornal e nós ficávamos disputando a atenção deles. Era engraçado. Todas as casas ao redor de nossa moradia tinham o mesmo padrão, pois foram construídas pelo dono da fábrica para acomodar os trabalhadores. Segundo meu pai, morar perto da fábrica era muito bom, pois não demorava muito para chegar e, caso se atrasassem corriam o risco de serem demitidos. Em 1895, com 10 anos de idade, ingressaram-me na fábrica. Lembro-me até hoje, da bronca que levei do patrão em meu primeiro dia de trabalho... “Seu inútil, não serves para nada, nem para colocar carvão nesta máquina!”. Logo após levar umas cacetadas e quase desmaiar aos pés de um banquinho, quem vem me ajudar? Você! Foi tão estranho à situação... O patrão se dirigiu a mim, como se eu já trabalhasse na empresa há anos. Nem se quer perguntou o meu nome.

Mas... Não demorou muito para que eu me acostumassem com o ritmo daquele lugar. Nosso patrão, nos via como simples “peças” de uma enorme máquina, mas, quando uma dessas “peças” quebrava ou ficava debilitada de alguma forma, ele a trocava imediatamente, pois se preocupava apenas com a produtividade da mesma. Éramos meros objetos perante ele. Trabalhávamos muito, descansávamos e ganhávamos pouco. Tínhamos que preencher a fornalha das máquinas com carvão a cada 20 minutos. Quando demonstrávamos cansaço, nossos superiores nos agrediam, pois, “tempo era dinheiro”. Havia dias que eu entrava às três horas da manhã e saía às onze horas da noite. Tínhamos quinze minutos para o desjejum, meia hora para o almoço e quinze minutos para beber água. Era tudo muito corrido. No momento em que chegava a minha casa, era tão estressante...

Só de pensar que eu tinha que voltar novamente àquela fábrica no dia seguinte, já me dava calafrios... Christopher seria quase impossível superar tais situações, se você não estivesse sempre ao meu lado, me dando força, conselhos e sempre me encorajando a não desistir. 18 anos se passaram, quando, em um dia, numa discussão que tivestes com nosso patrão, você foi demitido. Esse foi um dos piores dias da minha vida. Ver meu melhor amigo sair e nunca mais voltar. Eu entrei numa fase deprimente, onde tudo parecia dar errado... E agora? Quem iria estar sempre ao meu lado, me dando força, conselhos e sempre me encorajando a não desistir? Tentei recorrer aos meus pais, quando necessitava, eles até tentavam ajudar, mas, não funcionava muito bem, pois eles tinham que fornecer grande parte da atenção aos meus irmãos mais novos. Passaram-se três meses até que me recuperasse totalmente. Pouco tempo depois de sua saída, me colocaram do abastecimento de carvão das máquinas, para a linha de montagem, onde tínhamos que cortar as peças de couro.

Era um trabalho muito mais complicado e perigoso, pois antes, os únicos perigos eram apenas se queimar na fornalha ou quebrar alguns ossos por conta das quedas dos sacos de carvão, agora não! Tínhamos que passar as peças de couro sobre uma serra e cortá-las de maneiras específicas, sofrendo o risco de amputações e conseqüentemente a perda do emprego. Havia uma esteira, onde elas eram colocadas e tínhamos cerca de 1 minuto para cortar perfeitamente as peças. Trabalhávamos 21 horas por dia, em pé, cortando em torno de 60 peças por hora e 1260 no período inteiro de trabalho. Christopher, isso era muito desgastante. Você não tem noção. Tinha dias em que só descansávamos nos intervalos para alimentação. Encerrando-se meu turno, eu ia direto para casa, cansado, acabado, não me importando com ninguém... A única coisa que eu desejava acima de todas as outras, era descansar. Houve um dia em que no meio do caminho, me deparei com uma situação que me recordo até hoje.

Reparei que ao passar em frente às casas vizinhas, havia crianças esperando seus pais alegremente e quando eu passava por elas, seus sorrisos desapareciam - isso me levou a pensar. Quando de repente, uma dessas crianças exclama “seu ignorante, mal humorado! Porque você nem olha em nossos olhos?”. Imediatamente, veio-me uma lembrança do passado. Naquele momento, eu me enxergava na situação daquela criança, mas, eu o ignoro e vou embora. Chegando em casa -já estavam todos dormindo -, eu me deito no sofá e internamente, uma pergunta do passado é respondida imediatamente, “porque meus vizinhos eram tão ignorantes?”. Após refletir sobre isso, consegui sentir na pele o que eles sentiam e por conta disso vinha a “ignorância”, que era consequência de um dia exaustivo de trabalho. Alguns meses depois, no meio do expediente de trabalho, recebo a má notícia do falecimento de minha mãe.

Aquilo acabou comigo. Mesmo nessas condições, meu patrão não me deixou sair da produção. Lembro-me exatamente de suas palavras, “isso não é problema meu. Depois você resolve. Agora, volte ao serviço”. Eu o obedeci e voltei ao trabalho. Naquele momento, eu estava me sentindo incompleto, como se um pedaço de minha alma estivesse se perdido. Uma sensação desanimadora... Aquela vontade de reviver, de ter minha mãe nos meus braços novamente, o conforto que me acalmava por completo... Mas eu sabia que era impossível... Então, isso me deixou frustrado e com vontade de jogar tudo para o ar. E... No meio de meu surto de emoções, eu me descuido e meu braço é decepado pela serra. Amigo, esse foi o segundo pior momento de minha vida... Eu estava sem minha mãe, sem um braço, desempregado, minha família começou a passar fome, pois, só meu pai estava trabalhando.

A cada dia que se passava, era uma tortura. Mas, os tempos passaram... Meus irmãos cresceram, começaram a trabalhar e conseqüentemente ajudaram na economia da casa. Nós nos mudamos, meu pai trocou de emprego, alguns de meus irmãos casaram e foram morar com as esposas, os que sobraram conseguiram empregos bons, e eu? Eu estou no sofá escrevendo para você! Vai dando notícias... Agora já sabes como me encontrar!! Um forte abraço.

Geógiles.